

# DESENHOS DE CRIANÇAS: LEITURAS DE MUNDO

## DRAWINGS OF CHILDREN READING WORLD

### DIBUJOS DE NIÑOS DE LA LECTURA DEL MUNDO

Adriana Santos da Mata<sup>1</sup>  
Carla Andréa Lima da Silva<sup>2</sup>

**RESUMO:** Neste artigo, pretendemos fazer um exercício de compreensão de como crianças da Educação Infantil fazem suas leituras de mundo dando sentidos a ele por meio da atividade *Livro de Histórias da Turma*, desenvolvida na Unidade Municipal de Educação Infantil Rosalina de Araújo Costa, localizada na cidade de Niterói (RJ), desde o ano de 2005 até a presente data. Buscamos interlocução com a perspectiva histórico-cultural e a sociologia da infância, voltando nosso foco aos desenhos infantis. Percebemos que, como um dos elementos das culturas da infância, os desenhos são permeados de visões de mundo, desejos e expectativas, são, enfim, uma linguagem. O desenho é fruto de um intenso processo de vaivém entre imaginação e realidade. Isso significa que a Educação Infantil deve ser um espaço de vivências diversas, de troca entre os sujeitos, de contato com diferentes manifestações artísticas, de experiências variadas, da vivência cotidiana de verdadeiros exercícios de pesquisa. Nesse contexto, é possível pensar o desenho como desconstrução, criação e até mesmo subversão. É preciso que os professores tenham um olhar diferenciado, para além da mera contemplação, rotulação ou enquadramento, de modo a contribuir para práticas pedagógicas mais significativas na Educação Infantil.

---

**PALAVRAS-CHAVE:** educação infantil; leituras de mundo; desenho.

**ABSTRACT:** In this article, we do an exercise in understanding how Childhood Education students make their readings of the world and create meanings to it through the *Class Book of Stories*, a pedagogical activity developed at Unidade Municipal de Educação Infantil Rosalina de Araújo Costa, a school located in Niterói (Rio de Janeiro), since the year of 2005. We dialogue with the cultural-historical perspective and with sociology of childhood, focusing on children's drawings. We realize that, as one of the elements of childhood cultures, drawings are permeated by world views, by desires and expectations, and may be effectively considered as language. These drawings are the result of an intense process of driving back and forth between imagination and reality. This means that early childhood education should be a space for different experiences, exchange among subjects, for contact with different artistic

---

<sup>1</sup> **Adriana Santos da Mata.** Mestre em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF) Professora na Unidade Municipal de Educação Infantil (Umei) Rosalina de Araújo Costa. Rua Martins Torres, 606 Bloco 10, apto 104 - Santa Rosa – Niterói – RJ. Tel. (21) 8707-0710. E-mail: [adamatamata@hotmail.com](mailto:adamatamata@hotmail.com).

<sup>2</sup> **Carla Andréa Lima da Silva.** Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Supervisora Educacional na Umei Rosalina de Araújo Costa. Avenida Ary Parreiras, 655, apto 1204 - Santa Rosa – Niterói – RJ. Tel. (21) 8774-2008. E-mail: [ccarlandrea@hotmail.com](mailto:ccarlandrea@hotmail.com).

manifestations and for varied everyday experience understood as real research exercises. In this context, it is possible to think of children's drawings as deconstruction, creation and even subversion. In order to contribute to more meaningful pedagogical practices in Early Childhood Education, it is necessary that teachers have a different view, beyond mere contemplation, beyond fixing labels or framing children into pre-established categories.

---

**Keywords:** childhood education; children's drawings; reading the world.

**RESUMEN:** En el artículo pretendemos hacer un ejercicio para comprender como los niños de la Educación Infantil hacen sus lecturas del mundo, poniendo sentido em él, desde la actividad "Libro de Historias de la Clase" desarrollada, desde 2005, en la "Unidade Municipal de Educação Infantil Rosalina de Araújo Costa", ubicada en la ciudad de Niterói (Rio de Janeiro). Buscamos interlocución con la perspectiva histórico cultural y la sociología de la infancia mirando a los dibujos infantiles. Percibimos que, como uno de los elementos de las culturas de la infancia, los dibujos son rellenos de miradas del mundo, deseos, expectativas, en fim, un lenguaje. El dibujo es fruto de intenso proceso de ir y volver entre imaginación y realidad. Eso significa que la Educación Infantil tiene que ser un espacio de vivencias diversas, de cambio, de contacto con manifestaciones artísticas distintas, de experiencias variadas, de vivencia cotidiana de verdaderos ejercicios de investigación. En ese contexto, es posible pensar el dibujo como desconstrucción, creación e incluso subversión. Así pues, se hace necesario que los maestros tengan una mirada más allá de la contemplación, la rotulación o el enquadramiento de modo a contribuir para las prácticas pedagógicas más significativas en Educación Infantil.

---

**Palabras clave:** educación infantil; lectura del mundo; dibujo.

## CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESPAÇO ESCOLAR

A Unidade Municipal de Educação Infantil (Umei) Rosalina de Araújo Costa está situada no Barreto que é um bairro basicamente residencial da zona norte de Niterói/RJ, e atende crianças de três a cinco anos de idade das comunidades próximas. No ano de 2013, foram matriculados 280 alunos, divididos em sete turmas, em cada um dos dois turnos. Cada grupo é formado por, no máximo, 20 alunos. Nos agrupamentos, estão incluídas crianças com Necessidades Educacionais Especiais (NEE). A equipe pedagógica é formada, atualmente, por 14 professoras regentes, seis professoras de apoio às crianças com NEE, duas professoras de sala de recursos, uma agente educadora, duas pedagogas, uma diretora adjunta e uma diretora geral.

Da entrada da escola logo se vê a Casinha de Bonecas. As cinco salas de aula do primeiro piso são amplas e têm banheiros infantis e portas coloridas (laranja, amarela, azul,

vermelha e rosa). Internamente, as paredes das salas, de azulejo rosa, são cobertas com murais para exposição dos trabalhos dos alunos, quadro de giz e outros materiais. No pátio coberto, as crianças participam das aulas de recreação e das festas e têm acesso aos banheiros externos. À frente do pátio coberto, há um parque e um setor com uma sala de aula (sala verde), dois refeitórios separados pela cozinha e o almoxarifado. No segundo andar setor, há uma Sala de Leitura, duas salas de aula (lilás e branca), um banheiro para os adultos e outro para as crianças. E ainda há um pátio descoberto, na parte de trás das salas de aula, com grandes jardineiras ao longo da parede e alguns brinquedos grandes de plástico (duas casinhas, tabelas de basquete e traves de futebol, túnel e escorrega).

## **LIVRO DE HISTÓRIAS DA TURMA**

O *Livro de Histórias da Turma* é uma prática de letramento desenvolvida na escola desde o ano de 2005 até a presente data. Podemos dizer que esta atividade é uma sofisticação de outras realizadas cotidianamente, tais como: fazer desenho livre ou com uma interferência na folha (um furo, um ponto, um papelzinho colado, etc.), criar cenas com formas geométricas ou jogos de montar para, em seguida, apresentar *oralmente* para os colegas da turma o desenho ou a montagem. É também a ressignificação crítica de uma prática antiga (mas ainda recorrente em muitas escolas de educação infantil) de distribuir desenhos prontos e iguais para as crianças colorirem respeitando os limites.

A proposta de elaborar um livro de histórias é apresentada às crianças depois que elas já vivenciaram diversos momentos envolvendo a leitura de muitos livros infantis disponíveis na Sala de Leitura e também na atividade do Bornal<sup>3</sup>.

A professora explica aos alunos que cada um, ao longo do segundo semestre, criará um desenho e ditará uma história que serão reproduzidos para todo o grupo e, ao final, desenhos e histórias formarão o Livro da Turma.

---

<sup>3</sup> Em 2006, a partir do trabalho com cultura popular, cujo tema foi o *Universo Cultural de Ariano Suassuna*, teve início a atividade do *Bornal de Leitura*, realizada por todas as turmas. A cada dia, uma criança escolhe um livro de história que leva dentro do bornal junto com um caderno para que a família registre como foi a experiência. Há também um espaço para a criança desenhar o que mais gostou ou lhe chamou a atenção. Os relatos dos pais e/ou responsáveis revelam que os momentos de leitura em família aproximam as crianças de seus parentes, em gestos lúdicos, afetivos, de prazer e de conhecimento.

Tal atividade nos instigou a começar um exercício de compreensão de como crianças da Educação Infantil falam, narram e expressam sentidos para o mundo, em meio à riqueza de temas e tramas das histórias narradas. Analisando as narrativas, em outro artigo (MATA & SILVA, 2012), percebemos que as crianças elegem muitos temas para contar em situações que parecem remeter a vivências no cotidiano da família, as brincadeiras, as experiências na escola, etc. e até assuntos que são ainda difíceis de serem tratados como a morte. As histórias ocorrem em diferentes cenários: casa, castelo, rua, parque, escola, entre outros. Os personagens são membros da família (mãe, pai, avó, irmão, irmã, bebê) e elementos da natureza (animais, plantas, sol, chuva, mar, nuvem), e são também inspirados em filmes e histórias infantis. Eles praticam diversas ações, tais como brincar, almoçar, tomar banho, dormir, estudar, brigar, engravidar, matar.

Continuamos nosso exercício, voltando nosso foco agora para os desenhos produzidos pelas crianças, a partir da perspectiva histórico-cultural e da sociologia da infância. Para realizar este estudo, as narrativas das crianças também serão consideradas. Esse exercício de compreensão dos trabalhos das crianças é uma forma de nos aproximarmos de suas leituras de mundo, de suas múltiplas linguagens e culturas, de modo a contribuir para práticas pedagógicas mais significativas na Educação Infantil.

## **DESENHO DA CRIANÇA: DA VISÃO DO PRODUTO À VISÃO DO PROCESSO**

Alguns autores têm mostrado que, nos estudos sobre desenhos das crianças, ainda é muito comum tomá-los a partir de uma visão maturacionista de algumas abordagens psicológicas. Com base nesse referencial, “encontra-se uma ênfase acentuada na caracterização do desenho como uma atividade natural e espontânea, dividida em etapas que seguem uma sequência universal” (SILVA, 1998, p. 1).

De modo geral, tais abordagens não levam em consideração o contexto no qual se inserem as crianças nem o processo de produção, mas apenas o resultado final. Também não costumam levar em conta o papel da fala na atividade gráfica.

Considerando as crianças como sujeitos sociais competentes, produtores de culturas próprias, que se desenvolvem no seio das relações entre os homens, vamos na contramão do modelo maturacionista e adotamos a perspectiva histórico-cultural para analisar os desenhos das crianças.

Estudar o desenho como produção séria e própria das crianças significa, de um lado, compreendê-las como sujeitos competentes, participantes ativos do mundo em que vivem, produtoras de cultura e, de outro lado, ver o desenho, mais do que uma sucessão de fases, como uma forma de expressão e comunicação que contribui significativamente para a apreensão do mundo pela criança. Para compreender o desenho a partir dessa perspectiva não basta analisar o resultado das produções das crianças, o desenho acabado, sendo necessário acompanhar o seu processo de produção. (BORBA et al, 2010, p. 178-179)

Tomamos os desenhos aqui analisados como documentos, tendo em vista que, embora muitos destes *Livros de História da Turma* tenham sido produzidos durante nosso cotidiano de trabalho como professoras, não acompanhamos o processo em si para fins de análise e escrita deste texto. Todavia, por considerarmos a fala como elemento chave no processo de produção gráfica das crianças, tomaremos também os textos ditados pelas mesmas, ou seja, as histórias contadas sobre os desenhos, como parte do processo de produção gráfica.

O tratamento que Vigotski (2009) dá ao desenho no desenvolvimento da linguagem é o nosso principal referencial de análise. Vigotski eleva o desenho a um status de importância quando o coloca como elemento fundamental no desenvolvimento dos signos na criança. Para ele, compreender o desenvolvimento da linguagem e da linguagem escrita na criança significa investigar a pré-história dessa linguagem e sua relação como o aprendizado escolar, e o desenho faz parte da *pré-história da linguagem escrita*.

## **O DESENHO QUE JÁ NASCE COMO HISTÓRIA**

Na proposta do *Livro de História da Turma*, a professora direciona o trabalho gráfico da criança, orientando-a já de início a realizar um desenho e depois contar a história desse desenho. Isso significa que este desenho nasce com uma intencionalidade e provavelmente muitos elementos de imaginação.

A dinâmica ocorre da seguinte maneira: a criança recebe uma folha com uma linha dividindo-a mais ou menos ao meio. Na parte de cima, ela vai criar o desenho e na de baixo, a professora vai escrever a história que ela ditar. Terminada esta parte, a criança segue para a secretaria, onde fica a máquina copiadora, e solicita a quantidade de cópias necessárias para toda a turma. Na sala, em roda, as folhas são passadas de mão em mão até que todas as crianças recebam uma. Em seguida, crianças e professora leem a história, interpretam, comentam, fazem perguntas para o autor do trabalho a respeito do conteúdo do texto e do

desenho, e depois elas seguem para as mesas para colorir e enfeitar o desenho com alguma técnica. Lembramos que nem sempre dá tempo de concluir todo o processo no mesmo dia. As crianças tornam-se autoras e ilustradoras, assinam a folha de rosto, fazem um texto coletivo de apresentação e escolhem o título do livro que levam para casa ao término das aulas.

Ao desenhar para compor o *Livro de Histórias*, a criança sabe que terá que contar uma história que será escrita pela professora, e que o conjunto será reproduzido para as demais crianças. Além disso, sabe que todos farão uma leitura coletiva de sua história e perguntas sobre o desenho e a história.

Se caminhamos no sentido de Vigotski no texto *El dibujo em la edad infantil* (VIGOTSKI, 2009), todo este processo pode ser favorável a ação de desenhar. Segundo ele, citando Pospiélova, quando se estabelece algum tipo de relação entre o desenho infantil e o trabalho produtivo ou com a produção artística e a isso somam-se técnicas específicas e mesmo a impressão e a reprodução, a criança sente-se bastante entusiasmada com o trabalho que realiza, o que garantiria seu interesse em participar da atividade.

É possível, portanto, que as crianças-autoras dos desenhos examinados tenham se sentido bastante motivadas para realizá-los e apresentá-los aos seus colegas, dando asas a sua imaginação.

Os desenhos analisados são, deste modo, registros de histórias cheias de imaginação, que carregam, como veremos mais adiante, muitos possíveis elementos da realidade de vida dos pequenos autores e muitos outros elementos imaginários, fantásticos. Como afirma Leite (2008, p. 70), sendo assim, não são desenhos em desenvolvimento, mas “atividades languageiras de meninos e meninas” que despertam em nós uma multiplicidade de olhares sobre tal produção, a qual consideramos como uma das formas das crianças se expressarem, com todas suas experiências, vivências, sentimentos e desejos.

Para Vigotski o desenho da criança está intimamente ligado ao processo de desenvolvimento dos signos na criança e, portanto, ao desenvolvimento da linguagem e da linguagem escrita. O estudioso apresenta toda uma linha de pensamento que toma os gestos como um signo visual inicial que contém a futura escrita da criança (VIGOTSKI, 2008, p. 128). E os desenhos, nesse processo, começam sendo realizados na verdade como uma suplementação dessa representação gestual.

Em geral, tendemos a ver os primeiros rabiscos e desenhos das crianças mais como gestos do que como desenhos no verdadeiro sentido da palavra. Também tendemos a imputar ao mesmo tipo de fenômeno o fato, experimentalmente demonstrado, de as crianças, ao desenharem objetos

complexos, não o fazem pelas suas partes componentes, e sim pelas suas qualidades gerais, como, por exemplo, a impressão de redondo etc. (VIGOTSKI, 2008, p. 129)

O autor mostra que, mais adiante, o desenho vai transformar-se em signo independente.

Assim como no brinquedo, também no desenho o significado surge, inicialmente, como um simbolismo de primeira ordem. Como já dissemos, os primeiros desenhos surgem como resultado de gestos manuais (gestos de mãos adequadamente equipadas com lápis); e o gesto, como vimos, constitui a primeira representação do significado. É somente mais tarde que, independentemente, a representação gráfica começa a designar algum objeto. A natureza dessa relação é que aos rabiscos já feitos no papel dá-se um nome apropriado. (VIGOTSKI, 2008, p. 133)

Os desenhos nascem geralmente, segundo o estudioso, como uma história, com certo grau de abstração, intimamente ligados à fala. São eles, “uma linguagem gráfica que surge tendo por base a linguagem verbal.” (idem, p. 136). Por esse motivo, Vigotski acredita que os desenhos sejam “um estágio preliminar no desenvolvimento da linguagem escrita” (ibidem). O autor destaca que, inicialmente, para as crianças, os desenhos são propriamente objetos e não representações ou símbolos. Mais adiante é que a criança descobre que pode desenhar além de coisas também a fala.

Segundo Vigotski, é difícil precisar quando ocorre o deslocamento do desenho das coisas para o desenho das palavras. O que importa nesse processo é “preparar e organizar adequadamente essa transição natural. Uma vez que ela é atingida, a criança passa a dominar o princípio da linguagem escrita, e resta então, simplesmente, aperfeiçoar esse método” (ibidem, p. 141).

A partir desse entendimento sobre o desenho, acreditamos que o *Livro de Histórias da Turma* se constitua no cotidiano pedagógico como uma das atividades que favorece o desenvolvimento da linguagem na criança, incentivando-a a vivenciar um universo de imaginação, arte, comunicação e registro, o qual revela a estreita relação entre pensamento, fala e desenho.

## **O QUE DIZEM OS DESENHOS**

A relação entre desenho produzido e história contada revela que, geralmente, os desenhos correspondem a uma única cena de toda a história narrada pela criança e registrada pela professora. Algumas vezes, porém, o desenho contém toda a história contada. Outras

vezes, os desenhos parecem não apresentar relação com a história narrada. Independente do tema, são comuns figuras como: sol, nuvens e arco-íris.

Algo que nos chama muita atenção na análise dos desenhos e histórias das crianças é a íntima relação que muitas vezes elas estabelecem entre realidade e fantasia, personagens reais e imaginação. Em muitas histórias, percebemos a existência de personagens reais, nomes e sobrenomes reais e histórias nem tão reais. O desenho parece tornar possível o que não é na vida real. Destacamos a seguir um desenho em especial e uma história, cuja autora declara que o seu desenho permite tornar um desejo realidade.



#### A festa da Victória

Eu e Victória estamos dançando, brincando, pulando, se divertindo de mãos dadas. A gente não mora perto, **mas no desenho a gente mora perto**. A borboleta tá voando onde a gente tá, lá em Niterói.

Vai ter uma festa da Victória em Niterói.

Tia Espedita vai estar na festa. Já tá convidada.

Só que a festa não é agora, é depois. Mas a gente tá brincando. (Alexia, 5 anos, 03/11/2009, grifos nossos)

Borba et al (2010, p. 181) afirmam, a partir de Vigotski, que as crianças transitam livremente do universo real para a imaginação, numa intensa atividade criadora.

No que se refere à imaginação, Vigotski a compreende como um processo de criação produzido a partir da interpretação e da resignificação dos elementos da realidade e da experiência. Através das brincadeiras e dos desenhos, as crianças articulam a imaginação e a realidade, transitando



livremente de um plano para o outro. São as experiências vividas pelas crianças que lhes oferecem elementos para a transformação do real, possibilitando-lhes criar novas situações e novos temas a partir de suas vivências. (BORBA et al., 2010, 181)

As vivências das crianças parecem estar entrelaçadas com os desenhos produzidos e as histórias narradas. Muitas influências cotidianas aparecem: relações familiares, atividades familiares (lazer, trabalho, alimentação, compras), relações de amizade e amorosidade (desenhos de corações), personagens infantis e expressões de contos de fadas (*Era uma vez...*).

Olhando para o desenho abaixo não temos, logo de início, ideia do quanto de história tem ali. Mas depois de ler a narrativa, a gravura passa a fazer todo sentido.



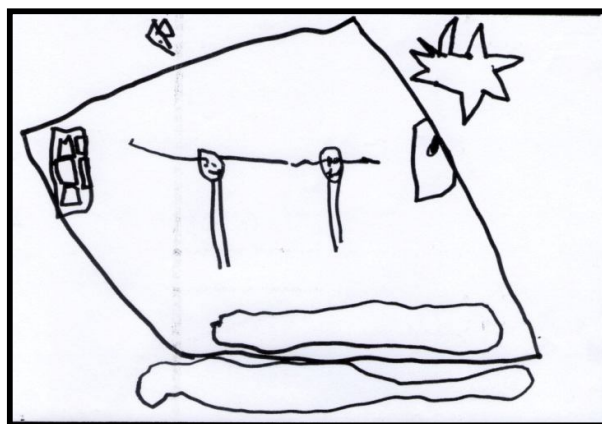
O barco bateu

O barco tava nadando. E tava cheio de pessoas. Aí o barco viu uma pedra. Aí quando o barco bateu nela, aí quebrou o barco. As pessoas caiu na água. Aí eles foram nadando pro Rio. Aí eles viram um mato. Aí eles foram correndo e depois eles acharam uma casa e também eles acharam água pra beber. (Matheus, 5 anos, 19/10/2011)

Em “*O barco bateu*”, retomamos a íntima relação entre fala e linguagem. Conforme Silva (1998, p. 6), “o enunciado verbal organiza e é organizado pelo desenho. Falar a respeito da produção gráfica é também pensá-la. A linguagem verbal tem função de planejar a elaboração do grafismo.” Observamos que a fala é também construtora do desenho, tanto durante o processo de confecção do mesmo, como antes, numa espécie de planejamento, e posteriormente como uma revisão, apreciação ou mesmo apresentação para outros.

A fala e o desenho estão intimamente relacionados, influenciando-se mutuamente, ou seja, tanto a fala orienta e modifica o desenho como o inverso também acontece. Conforme Borba et al (2010, p. 182), “muitas vezes as figuras que as crianças desenhavam não correspondem ao que haviam previsto, imaginado, levando-as a buscar outros significados coerentes para as formas observadas.”

A atividade gráfica é, outrossim, repleta de elementos reais, imaginários, influências cotidianas, literárias, televisivas. Trata-se de uma atividade com muitos significados, ações e criações que demandam técnicas e soluções pessoais para problemáticas enfrentadas por parte de quem a executa. Nesse sentido, Borba et al (2010) afirmam que, quando os recursos gráficos para expressar alguns movimentos e ações imaginados são limitados, as crianças geralmente criam modos de resolver tal desafio. O mesmo observamos nos desenhos que analisamos. “A casa que voa”, por exemplo, parece estar sustentada por uma nuvem.

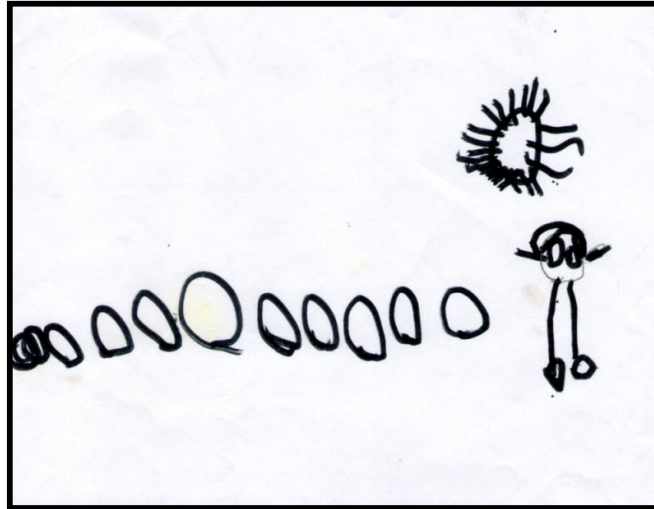


A casa que voa

Era uma vez, uma casa que ficava presa no chão.  
Um dia, o João pegou o martelo e soltou a casa. Aí, ela saiu voando.

Depois, caiu e voltou para o chão. (Luíz Felipe, 4 anos, 30/07/2010)

E o movimento da bola é facilmente resolvido com uma sequência de bolas desenhadas por Kauã.



Caio estava jogando bola. A bola caiu na casa da moça e ele não vai mais pegar.

A mãe dele pegou uma bola Pokemon emprestada com o amigo dele e saiu uma Chikorita. Ele devolveu a Chikorita para o amigo dele. O amigo dele gostou. (Kauã, 4 anos, 26/08/2008)

A análise indica que desenhar é uma intensa atividade de produção do conhecimento, um modo próprio das crianças se expressarem, comunicarem e registrarem suas ideias e desejos, portanto, uma produção cultural.

## **DESENHO E CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Se consideramos os desenhos das crianças como um dos elementos das culturas da infância, como um texto em si mesmo, permeados de visões de mundo, desejos e expectativas, entendemos estes desenhos como linguagem que, portanto, requerem um olhar diferenciado de nossa parte, que vá além da mera contemplação ou rotulação ou o enquadramento em uma etapa, fase, de acordo com o gênero, idade ou desenvolvimento cognitivo ou psicomotor.

Segundo Leite (2002, p. 271):

Falta-nos, enquanto educadores, ampliar o olhar para além dos padrões e procurar ver as crianças pelo que elas têm; não pelo que lhes falta. Sabemos, hoje que não há um determinismo biológico que vai, previamente, estabelecer os dons, nem tampouco um determinismo social. O processo de

criação é resultado de inúmeros fatores e o meio social e cultural estão fortemente presentes como experiências marcantes, são constituintes da história de vida, de um modo particular de interação com o mundo, de busca pela expressividade. É sempre relacional. A relação com o outro é, então, de suma importância na formação do sujeito-desenhista.

Partindo dessa perspectiva, acreditamos que o *Livro de Histórias da Turma* pode ser das muitas possibilidades de atividades que devem ser propostas nas escolas com o intuito de promover a criação, a imaginação e o desenvolvimento da linguagem nas crianças.

Como mostramos logo no início, o processo de produção do *Livro de Histórias* acontece a partir de uma orientação da professora. Depois da realização do desenho, a criança narra uma história que é registrada pelo adulto e, por fim, cópias do trabalho são socializadas na rodinha com as outras crianças que fazem a leitura coletiva, perguntas, críticas e análises junto ao autor. Assim observamos que todo o processo é permeado pela fala e pelo diálogo, num processo de troca entre os diversos sujeitos e no qual as crianças produzem e (re) criam cultura.

Se defendemos uma educação infantil na qual as crianças são vistas como sujeitos produtores de cultura, o entendimento do desenho como possibilidade de criação, de expressão e de interlocução passa a fazer muito mais sentido do que o desenho como fonte de diagnóstico.

É importante ressaltar, como mostra Leite (2002, p. 272) que “a pluralidade expressiva das crianças é fruto de uma série de solicitações e experiências: não é algo que ‘brota’”. Sendo assim, o tratamento do desenho infantil que defendemos aqui deve ser mais um dos elementos de um currículo para a educação infantil que se construa na perspectiva da criança sujeito.

Como vimos o desenho é fruto de um intenso processo de vaivém entre imaginação e realidade. Isso significa que a educação infantil deve ser um espaço de vivências diversas, de troca entre os sujeitos, de contato com diferentes manifestações artísticas, de experiências variadas, da vivência cotidiana de verdadeiros exercícios de pesquisa. Nesse contexto, é possível pensar o desenho como desconstrução, criação e até mesmo subversão. Vigotski já chamava atenção para uma tal função do desenho:

En conclusión, conviene resaltar la especial importancia de fomentar la creación artística en la edad escolar. El hombre habrá de conquistar su futuro con ayuda de su imaginación creadora; orientar en el mañana, una conducta basada en el futuro y partiendo de ese futuro, es función básica de la imaginación y, por lo tanto, el principio educativo de la labor pedagógica consistirá en dirigir la conducta del

escolar en la línea de prepararle para el porvenir, ya que el desarrollo y el ejercicio de su imaginación es una de las principales fuerzas en el proceso del logro de este fin. (VIGOTSKI, 2009, p. 108)<sup>4</sup>

Experiências como as vividas pelo *Livro de Histórias da Turma* são, de nosso ponto de vista, ousadas, mas possíveis. São modos de fazer que caminham na perspectiva da educação transformadora, superando a escola reprodutivista que “ensina o desenho estereotipado” (LEITE, 2002, p. 271). A tarefa que se nos impõe, então, parece ser fazer as crianças se sentirem desafiadas, motivadas a produzir, expressar, criar.

## REFERÊNCIAS

BORBA, A. M.; LOPES, I. DE A.; CANDEIAS, P. R.; TERRA BORBA, T. N. M. (2010). Desenho e infância: buscando compreender as crianças e seus modos próprios de ver o mundo. In: SILVA, Léa Stahlschmidt Pinto & LOPES, Jader Janer Moreira (Orgs). *Diálogos de pesquisas sobre crianças e infâncias*. Niterói, RJ: Editora da UFF.

LEITE, Maria Isabel. (2002) Nem fase de grafismo, nem exercício psicomotor: o desenho como espaço de produção cultural de crianças. In: MACHADO, M. L. de A. (Org). *Encontros e desencontros na educação infantil*. São Paulo: Cortez Editora.

LEITE, Maria Isabel. (2008) A criança desenha ou o desenho criança? A resignificação da expressão plástica de crianças e a discussão crítica do papel da escrita em seus desenhos. In: OSTETTO, L. E. & LEITE, M. I. *Arte, infância e formação de professores; autoria e transgressão*. Campinas, SP: Papirus.

MATA, Adriana Santos da; SILVA, Carla Andréa Lima da. Histórias de crianças: leituras de mundo. In: *Sede de Ler*. (2012, outubro) Publicação semestral do PROALE - Programa de Alfabetização e Leitura da UFF. Ano 3, n. 3, pp. 25-30.

SILVA, Maria Cintra da. (1998) Condições sociais da constituição do desenho infantil. In: *Psicologia USP*, v. 9, n. 2. São Paulo.

VIGOTSKI, L. S. A pré-história da linguagem escrita. In: Vigotski, L. S. *A formação social da mente*. (2008) São Paulo: Martins Fontes.

VIGOTSKI, L. S. *La imaginación y el arte en la infancia*. (2009) Madri, Espanha: Akal.

---

<sup>4</sup> Concluindo, convém ressaltar a especial importância de fomentar a criação artística na idade escolar. O homem vai conquistar seu futuro com ajuda da sua imaginação criadora; orientar no amanhã, uma conduta baseada no futuro e partindo desse futuro, é função básica da imaginação e, portanto, o princípio educativo do trabalho pedagógico consistirá em dirigir a conduta do aluno a fim de prepará-lo para o porvir, já que o desenvolvimento e o exercício de sua imaginação é uma das principais forças do processo para a conquista deste fim. (Tradução livre)

